



## O ALUNO COMO UM SUJEITO DE POSSIBILIDADES

Thaís Efigênia Magalhães Marques<sup>1</sup>

*PALAVRAS-CHAVE: PIBID; imagens fotográficas; aluno; atletismo.*

### INTRODUÇÃO

Desde agosto de 2012, sou bolsista do Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência (PIBID) na Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais (PUC Minas) compondo o grupo de acadêmicos da área Educação Física.

O PIBID PUC Minas tem por finalidade estabelecer diálogos entre a universidade e as escolas públicas de educação básica, proporcionando a integração entre as diferentes áreas do conhecimento e estimulando o aluno a exercer o papel de pesquisador. Dentre vários objetivos, o projeto institucional do PIBID, contempla o subprojeto da Educação Física que discorre sobre compreender o ensino e o lugar que a disciplina Educação Física ocupa no projeto pedagógico das escolas. Por meio do acompanhamento e planejamento das práticas pedagógicas dos docentes, produção de trabalhos interdisciplinares e de artigos científicos.

Após a inserção no PIBID, uma das primeiras atividades coletivas consistiu no acompanhamento do cotidiano de uma escola estadual de Belo Horizonte que contempla as séries iniciais do ensino fundamental. Com o desenvolvimento do processo de análise do cotidiano escolar, o grupo de bolsistas foi desafiado a produzir textos e crônicas, tendo como suporte quatro temas: “memórias evocadas”, “imagens da escola”, “casos da escola” e “gestos da escola”. Os textos foram produzidos a partir de um fato ou uma observação, constituindo-se em pequenas crônicas do cotidiano.

A seguir, apresento o resultado de algumas interpretações iniciais, no formato de uma crônica, realizada a partir do tema “imagens da escola”:

### O ALUNO COMO UM SUJEITO DE POSSIBILIDADES

Logo na segunda semana de visita do PIBID começamos a interagir com as crianças durante as aulas de educação física, visando à socialização e como auxílio no entendimento do cotidiano escolar. Esta aproximação inicial facilitou a produção de fotografias e relatos espontâneos, assim os alunos não estranhariam a nossa presença.

Depois de produzidas inúmeras fotografias, foi preciso escolher aquela que mobilizou-me a uma reflexão. Esta fotografia poderia passar despercebida por outros olhos, mas eu a

escolhi e fui escolhida por ela para ser sua expectadora. Sobre as imagens expressivas, Souza e Lopes (2002) salientam que:

Com a proliferação das imagens, a cada dia elas perdem mais a sua capacidade de dizer algo a alguém, pois também as pessoas que vivem essa dispersão perceptiva de modo permanente acabam por perder a sensibilidade para ver as coisas, enxergando-as como signos, extraindo sentidos diferenciados da materialidade do mundo e dos significados incorporados às imagens que nos rodeiam. (SOUZA E LOPES, 2002, p.62)

Lembro exatamente o instante em que capturei a imagem, era o final da última aula de educação física, a maioria da turma já estava formada em fila e o pátio estava vazio. Nesse instante percebi que os meninos, já com as mochilas em mãos, começavam a girar as mesmas e depois de adquirida certa velocidade lançavam as mochilas pelo chão.

A fotografia produzida retrata o exato momento em que um menino girava sua mochila. Questionei-me sobre o sentido daquela prática. O professor gritava de longe “Menino, pare com isso! Você vai estragar a sua mochila”. Já o menino, nem parecia escutar, estava tão imerso e concentrado naquilo, que o mundo ao seu redor parecia ter parado.

Inicialmente, sem compreender o sentido da prática e nem questionar o seu protagonista, passei a observar atentamente os movimentos corporais, principalmente dos pés e braços e percebi possibilidades de reflexão sobre a imagem.

Fischman (2008, p. 118) afirma que “a fotografia é uma evidência de parte do processo de criação de subjetividades para todos os autores envolvidos”. Já Rosa et al (2011, p. 210) complementam dizendo que “se procurarmos capturar aquilo que escapa e aquilo que infiltra na imagem fotográfica, devemos ‘mergulhar’ na fotografia”.

Foi o que fiz, procurei analisar cada detalhe da imagem e logo percebi o que me chamou a atenção: a familiaridade dos movimentos produzidos pelo aluno, uma vez que os mesmos eram infinitamente semelhantes aos movimentos realizados pelos atletas na prova de lançamento do martelo no atletismo.

A partir da observação da fotografia do aluno, busquei imagens que remetessem aos gestos realizados por atletas na prova de lançamento do martelo. Nesta prova, o atleta executa giros com o implemento segurando-o pelas mãos e o lança com o intuito de atingir longas distâncias. O martelo é constituído por uma esfera metálica segura por um cabo de aço.

Apesar do lançamento do martelo ser uma prova do atletismo e uma prática presente nos Jogos Olímpicos, sua popularidade é baixa no Brasil. Logo, parece não se tratar de uma prática de vivência cultural do aluno, mas é perceptível através da observação da fotografia, que os gestos executados tanto pelo educando quanto pelo atleta são muito semelhantes.

O movimento dos pés e braços são idênticos. A diferença mais significativa é, justamente a utilização do implemento martelo, substituído pela mochila. Dessa forma, para mim, não faria sentido algum ver a imagem e não pensar nas possibilidades de sua interpretação.

Eis o ponto crucial da observação de uma imagem fotográfica: lançar-se ao desafio de suas múltiplas possibilidades interpretativas. O lançamento do martelo é uma prática pouco realizada na sociedade, entretanto, seus movimentos podem ser facilmente reproduzidos.

O desafio de mergulhar naquela fotografia permitiu que eu pudesse entender um pouco mais a rede de sentidos e significados que são tecidos no cotidiano escolar. Passei a perguntar-me: quais os sentidos dados pelo menino aos gestos construídos por ele? Por que identifiquei semelhanças com a gestualidade do atletismo? Como a escola e o professor de Educação Física percebiam aquele comportamento? Múltiplos olhares, múltiplas interpretações.

Por fim, venho buscando compreender o aluno como um sujeito de possibilidades, de anseios, de curiosidade. Por meio dessa percepção podemos explorar esse universo almejando a construção do conhecimento, através de letras e números, mas, sobretudo, daquilo que faz parte dos movimentos da cultura humana.

#### REFERÊNCIAS:

FISCHMAN, Gustavo E. **Reflexões sobre imagens, cultura visual e pesquisa educacional.** In: CIAVATTA, Maria; ALVES, Nilda (orgs). A leitura das imagens na pesquisa social: história, comunicação e educação; cap. 5, p. 109-125. São Paulo: Editora Cortez, 2008.

ROSA, Maria Inês Petrucci et al. Narrativas e mônadas: potencialidades para uma outra compreensão de currículo. **Currículo sem Fronteiras**, v. 11, n. 1, p. 198-217, jan./jun. 2011.

SOUZA, Solange Jobim e; LOPES, Ana Elisabete. Fotografar e narrar: a produção do conhecimento no contexto da escola. **Cadernos de Pesquisa**, São Paulo, n. 116, p.61-80, jul./2002.

#### FONTE DE FINANCIAMENTO

Coordenação de Acompanhamento de Pessoal de Nível Superior através do Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência (PIBID).

---

<sup>1</sup> Graduanda do curso de Educação Física da Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais, [thaisa.marques@sga.pucminas.br](mailto:thaisa.marques@sga.pucminas.br).